

ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do jornal O SÉCULO

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

TERCEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 1906

NUMERO 113



A CHEGADA DO ANNO NOVO

O anno de 1906 da era christã que começa hoje é o 2619 do periodo juliano de Scaliger, que é o de todos os periodos historicos, o 5906 da criação do mundo segundo os calculos feitos sobre a Biblia, o 5666 do calendario judeu moderno que começou a 30 de setembro passado, o 4250 do diluvio universal, o 2784 da fundação de Carthago, o 2682 das Olympiadas que já começaram em julho de 1905, o 2569 da fundação de Roma, o 2653 da

era de Nabonassar e o 1906 tambem no calendario russo, que começa a 14 de janeiro, o 1873 da morte de Christo, o 1836 da destruição de Jerusalem, o 117 da revolução franceza, que quiz tambem fazer uma era nova em 1789 tendo ali sido mudados os nomes aos mezes que foram assim designados: janeiro *Pluviose* ou das chuvas, fevereiro *Ventose* ou dos ventos, março *Germinat* ou da germinação, abril *Floreal* ou das flores, maio *Prairial*

ou dos prados, junho *Messidor* ou das searas, julho *Thermidor* ou dos calores, agosto *Fructidor* ou das fructas, setembro *Vendémiaire* ou das vindimas, outubro *Brumaire* ou das brumas, novembro *Frimaire* ou das grandes frias, dezembro *Nivôse* ou das neves. Esta designação dos mezes acabou, bem como a era republicana, um anno depois da aclamação de Napoleão I em 1806, seguindo-se em Franca a era christã d'ahi em diante.

Chronica

O Balanço

31 de dezembro. E' meia noite. Findou o anno, desapareceu como um burguez feliz até na morte. Aquelle passamento foi instantaneo, nem se lhe ouviu um suspiro. Fechou-se a sua conta, traçou-se de baixo dos algarismos os dois riscos negros dos livros commerciaes n'uma liquidação e do final das noticias de fallecimentos nos jornaes. Morreu honestamente, com essa natural morte de todos os que não tiveram agitações na sua passagem por este mundo, que não crearam lesões nem diabetes, que morreram porque lhes chegara a hora de partir, como uma vela que se apaga por falta de estearina: o que se costuma dizer como um passarinho.

Terá um epitaphio banal, duas regras sem sentimento, talvez uma quadra secca encomendada pelos felizes que durante os dias da agonia d'esse anno apanharam a sorte grande. Ainda ha gente grata e poetas que precisam ganhar dinheiro. Por isso o anno, como algumas pessoas que se finaram e que em vida foram como se estivessem sempre n'um mausoleu, talvez tenha epitaphio. Oxalá que sim, se não pelos ricos feitos pela Misericordia ao menos por causa dos rates.

N'esse ultimo periodo do anno realmente os poetas andaram em sorte em face do centenario de Bocage, que se não foi uma forma de gozo para os homens de letras d'actualidade, foi ao menos,



Vista de Tanger tirada da Bahia

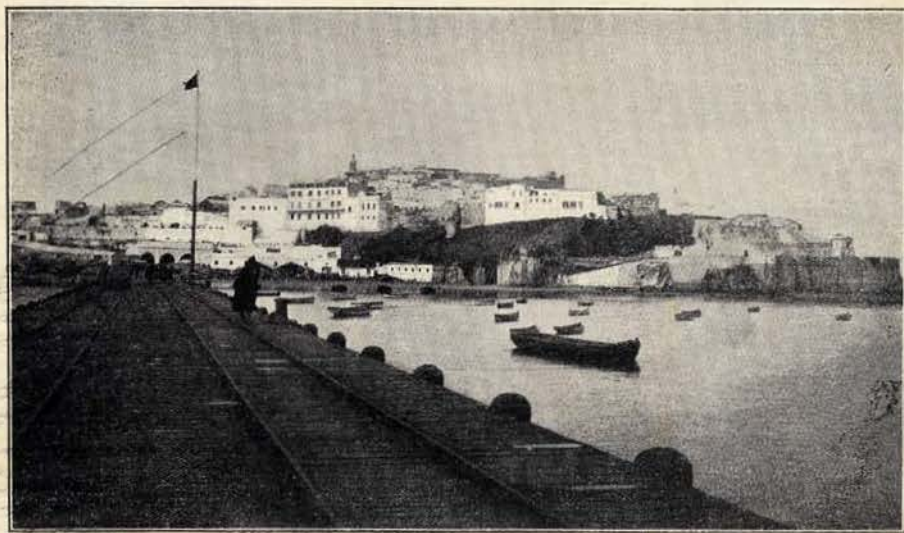
um d'elles. Os jornaes clamaram. Ambos souberam d'esse berreiro. Um só foi condecorado. Não se sabe qual ao certo, mas diz-se que foi o primeiro. E o segundo, que apenas tem a infelicidade de se

llente, vem protestar a Lisboa, ao que se conta, vem com as suas malas, com o seu revólver *bull dog*, com a sua ira, tirar satisfações. De quê? Do que disseram do seu homonymo? Não decerto. Elle vem furiosamente, atravessa os mares, pouso no Braganza, para gritar alto e bom som que não quer ser condecorado, que não lhe mandem agora a venera, a elle, homem de bem, e que era destinada ao outro. Elle não tem culpa de se chamar também Climaco e tant' em Reis. A culpa é dos padrinhos, e é da sua má sorte, como a culpa de se darem assim habitos de Christo é dos governos que parecem ter taes habitos em bem pouca conta.

Tambem não é d'admirar. Um justo que apparecesse hoje seria tido como um louco, um bom que surgisse ali no Chiado a perorar seria escurado, um menino de caracoez loiros e gesto brando que fosse falar entre os doutores acontecer-lhe-hia o mesmo que se falasse entre feras. Seria devorado, pela razão simples que teriam medo de ver desaparecer os poucos logares vagos de professores do lyceu e para os quaes, apesar de haver tantos doutores, só meninos doces, pallidos, mas sem o gesto do nazareno, sem o seu talento, sem as suas virtudes, sem o seu saber foram nomeados n'esse anno que findou e cujo balanço se está realisando.

O balanço tinha muito que fazer, immenso que manifestar, grandes coisas para apresentar, mas no fim de tudo, desde que se evocou a politica com esses habitos de Christo assim atirados, desde que se falou n'esse escandalo, o balanço não é o d'um anno limpo e são, que morreu christão e felizmente como um burguez, mas o d'uma nau em mar irado, cheio de vagalhões que revolve os passageiros por dentro e os faz curvar a cabeça para a agua sem a vorem, de bocca escancarada, a desfallecerem, a contorcerem-se á medida que se caminha n'esse tumultuoso balanço que dá o soffrimento da vagar: o enjão!

ROCHA MARTINS.



Tanger e a fortaleza

uma esperanza. E d'esperanças vive mesmo o menos idealista dos homens. D'ahi as palpações de coração com que se aguarda o anno novo. Uns pensam que elle modificará a sua bolsa, a sua vida, a sua desgraça, a sua doença e até a sua maneira de pensar; outros esperam que elle traga as mãos cheias de rosas para espargir, de ouro para distribuir, de titulos para atirar com a mesma inconsciente maneira com que o governo atirou o habito de Christo ao sr. Climaco Reis, a quem se tem chamado coisas pavorosas.

Ora o sr. Climaco Reis é uma personagem que se desdobrou ao que parece. E' como uma creatura de duas faces, de dois aspectos, de duas maneiras diferentes e tão diferentes que chegam a ser inteiramente oppostas uma á outra. E' uma antithese viva; é como quem diz dois homens.

Um negocion de um modo que o codigo civil não pune mas que a moralidade—como ella vae além do codigo fundamental—repelle. O outro, ao que parece, fez o seu negocio limpamente. Um foi commerciante de mercadorias repugnantes, o outro de coisas correntemente acceptaveis. Condecorou-se

chamar Climaco, como muita gente, e Reis como tanta outra e entre essa outra, o traficante repe-



Vista geral do grande mercado de Tanger



OS MEMBROS DO SENADO D'ENTRE OS QUAES SE ESPERA QUE SEJA ELEITO O FUTURO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

Mr. Maurice Rouvier—Mr. Paul Doumer—Mr. Léon Bourgeois—Mr. Armand Fallières



BOABDIL, O ULTIMO REI DE GRANADA—Trecho d'um azulejo de Jorge Colaço

Agora que se vai fazer a conferencia d'Algeciras, que marca talvez o começo do desmembramento de Marrocos, vem-nos á imaginação Boabdil, o ultimo dos reis mouros de Granada, que a força das armas fez recuar tendo acabado com o seu reinado a secular dominação mourisca na peninsula, o que excitando a poetica ima-

ginação castelhana gerou uma serie de chacaras, rimances e trovas. Foi em 1481 que Boabdil se revoltou contra seu pae Hassan, sendo aprisionado tempo depois pelos castelhanos. Reconheceu-se vassallo de Fernando e Izabel, apoderou-se de Granada onde reinava seu tio Abd Allah, apoiou-se nos reis christãos e descontentou

os subditos por isto. A rainha Izabel quiz obrigar o á vassallagem e elle então offereceu-lhe batalha na qual foi vencido em 1491, retirando-se para a Africa e morrendo em Fez, n'essa terra hoje tão cubicada pelas potencias que a disputam como outr'ora Fernando e Izabel disputaram Granada, a vermelha.



Vistas d'Algeiras e algumas das personagens mais em evidencia na questão de Marrocos da qual resultou a Conferencia que se vae realizar a 6 de janeiro n'aquella cidade

O sultão de Marrocos, Abd-el-Aziz com o uniforme de general inglez.—Vista geral d'Algeiras.—Mr. Revell, director do gabinete de mr. Rouvier e que negociou da parte da França a questão de Marrocos em 8 de setembro.—Palacio do governo em Algeiras onde se fará a conferencia.—Dr. Rosen, antigo representante da Alemanha em Tanger e que negociou da parte do governo de Berlim a questão de Marrocos com mr. Revell no ministerio dos estrangeiros de França.

AINDA O CENTENARIO DE BOCAGE

Não ha balança mais exacta, mais segura, mais mathematica do que a posteridade, para pesar a justiça devida ás virtudes e defeitos de cada um: E' que o fiel que lhe respeita não pode, em regra, ser feito de odios disfarçados, nem tão pouco de interesses vis, ou de invejas descarçaveis.

Camões — cujo maravilhoso e perennal monumento tem sido e ha de ser o seu divino poema — só foi glorificado no marmore e no bronze longo tempo depois que a indifferença sacrilega dos néscios e a inveja impudente d'um bando de detractores se extinguiram nos Arcanos da Morte, ficando assim destoldados os horizon-



Oliveira Mascarenhas autor do artigo

tes opalinos da verdade aos raios aurifulgentes da justiça improrogavel.

E Bocage?

Bocage — esse producto d'uma nevrose dubiamente qualificada, que, como Piron nos *cabarets* do Quartier Latin e Quevedo nas *fondas* madrilenas, ora desentranhava no Parras e no Nicola sangrentas sátiras contra os Zollos, e ora afogava nas bodegas as multiplices tristezas da sua bella alma — teve mais cedo do que o cantor dos *Lusiadas* a devida glorificação no bronze e no marmore, porque o seu tempo confina com uma epocha que vai collocando o coração e o cerebro ao serviço do que é justo.

Ao arruado dos velhos e grotescos preconceitos que tombam, erguem carinhosamente as modernas gerações as estatuas dos seus heroes, que o povo deve conhecer, porque, como disse o immortal Victor Hugo, «as multidões como as ondas, necessitam de que, sobre ellas, incida a luz dos pharões».

Desde os primeiros até es ultimos biographos do grande poeta setubalense pouca claridade se tem feito concernentemente ao periodo em que elle passára de guarda-marinha da armada da India a tenente de infantaria do regimento de Damão.

Affirmam alguns dos modernos Aristarchos que o motivo determinante da ida do poeta para aquella ter-



Gará ou choupana de christãos pobres, procedentes da costa servil ou dos sedras-

ra do Guzerath, fôra o poema erotico *A Manteigui*, o qual ridiculizando acerbamente a amante do orgulhoso capitão general D. Frederico Guilherme de Sousa, levára este a responder á sátira com a mais rancorosa perseguição promovida contra o auctor. E acerescentam: «Bocage, receoso das iras do general, pediu o despacho em tenente para aquella guarnição pelos annos de mil setecentos e oitenta e nove, onde se apresentou a seis de abril, para, dois dias depois, desertar para Surra-te».

Ora, D. Frederico Guilherme de Sousa tomou posse do governo e capitania-general do estado da India a vinte e seis de mais de mil setecentos e setenta e nove; e a tres de novembro de mil setecentos e oitenta e seis entregou estes cargos ao successor Francisco da Cunha Menezes (1), isto é, tres annos antes da transferencia do poeta; o qual, tendo passado de *guarda-marinha* a *tenente*, só tinha, a nosso vêr, razões para grande contentamento.

Mas, . . . occorre perguntar: Para que havia Bocage de commetter um *crime premeditado*, se lhe era facil e commodo conseguir a demissão?

E — a ter continuado a soffrer a perseguição do amante da *Manteigui*, como se pretende, mas que a bem fundada suspeição de factos muito diversos se encarrega de desmentir — qual é o motivo porque elle não desertou antes de Goa, e foi pôr em pratica o seu proposito n'uma longinqua terra do Cambaya, onde os meios de transporte se repuziam a incommodos juncos e pangaos de assás limitado curso? . . .

A quem teve tempo sufficiente para *premeditar uma deserção*, e a quem dispunha d'um espirito privilegiado, obrigação corria de a executar com o possível numero de commodidades, e com a maior das seguranças.

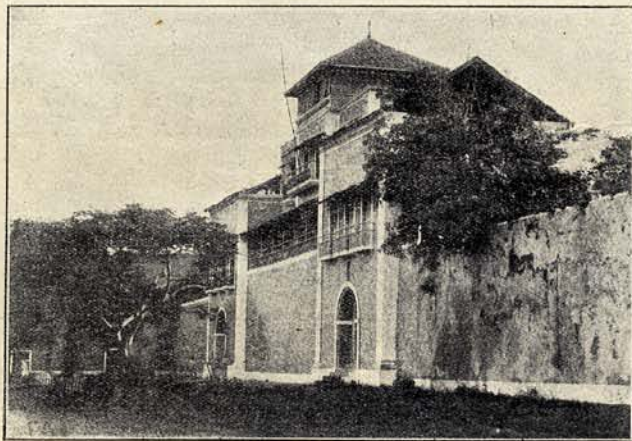
(1) Directorio Goano do anno de 1896, pag. n.º 202.

Bocage — que na capital do estado deixára um dilúvio de versos pornographicos, que gastára largo tempo



Vendedor de peixe

a satyrisar os costumes dos mestiços, de Manú, e dos frades — abandonára com effeito a terra dos heroismos de Martim de Sousa, indo de seguida embarcar a Sur-



Parte do palacio do governo de Damão, denominada a «Torriinha»



Uma festa de gentios nas circumvisinhanças da cidade de Damão (aldeia de Varasanda)

rate (1), não como consequência da pretendida perseguição do amante da *Manleigni*, mas, segundo as tradições do Dekkan, porque o seu bulhoso plectro ferira cordas mal soantes nos interesses da Inquisição.

E depois — para um espirito juvenil e ainda d'impresões novas e empolgantes, como são as que o europeu recebe d'aquellas magicas terras orientaes, — os *dois dias* que mediarão entre a apresentação do poeta e a pretendida *desceção premeditada*, era tempo brevissimo para que elle podesse escutar o gargarizar poético do Sandalcal no precipitar-se sobre as aguas phosphorecentes do golfo; ... para ouvir os canticos a *Pára-Brahma* entoados pelos bronzeados *goutys*; ... para se



A deusa Laximi dedilhando a cítara

«bértilima, que as bengalinas vermelhas e os donzados *achampós* mat'sam e enriquecem.

Bocage precisava mais do que *dois dias* para responder com uma *desceção premeditada* a este novo e empolgante espectáculo das terras do Dekkan.

A antiquissima cidade de Damão compõe-se de tres bairros conhecidos pelos nomes de *Damão Pequeno*, *Praça*, e *Damão Grande*. O primeiro está situado na margem direita do caudaloso rio *Sandalcal* ou *Demanganga*, e os restantes na outra margem, mas separados pelas portas da cidadella, denominada da *Terra*. Quem vem de *Damão Pequeno* encontra, ao sahir do rio, o antigo cáes do *Trapiche*; e, a seguir, as *Portas do Mar*, junto ás quaes vimos nós, em 1890, as ruínas do velho convento de S. Francisco — *antiga succursal* da extincta e ominosa Inquisição de Gôa. Depois segue a extensa rua de D. Constantino de Bragança, onde dormem o palacio do governo e varias repartições, a qual termina junto ás *Portas da Terra*, seguindo-se-lhe o *Campo dos Remedios* e outros largos e ruas do populoso *Damão Grande*.

Pois heu.

Foi, e ainda é creança dos habitantes mais illustrados d'esta nobilissima cidade, que, n'um *gndon*, ou pequena casa que alli vimos ha cerca de dez annos — *gndon* que fica junto ás referidas *Portas da Terra*, — se en-

contrava certo dia de guarda o tenente Manuel Maria Barbosa da Bocage, quando elle vira e lhe disseram de seguida que um frade de S. Francisco — munido d'uma precatoria da Inquisição de Gôa — seguia a rua D. Constantino, na direcção da guarda, a fim d'intimar ao poeta um mandado de captura.

Bocage — segundo a tradição — ficou como que fulminado.

E porque a sua consciencia lhe disséra que havia, nos seus versos, praticado irreverencias contra a fé, desafiou a espada, munido d'alguns recursos, e correu a esconder-se na *Praganã*, até que — protegido por um amigo — conseguia transportar-se para a hedionda Sur-



Brahmate, membro da primeira casta nobre da India

rate, onde embarcára depois para terras da Indo-China. Firmar-se ha em base solida esta antiga tradição do Guzerath?

Crêmos que sim.

Porque a nossa bella India portugueza — mercê da illustração dos seus filhos, e por effeito da distancia a que se encontra d'irrequietos iconoclastas, — não só é o fiel repositório dos nossos costumes d'outr'ora, como é tambem o archivo venerando das nossas velhas tradições.

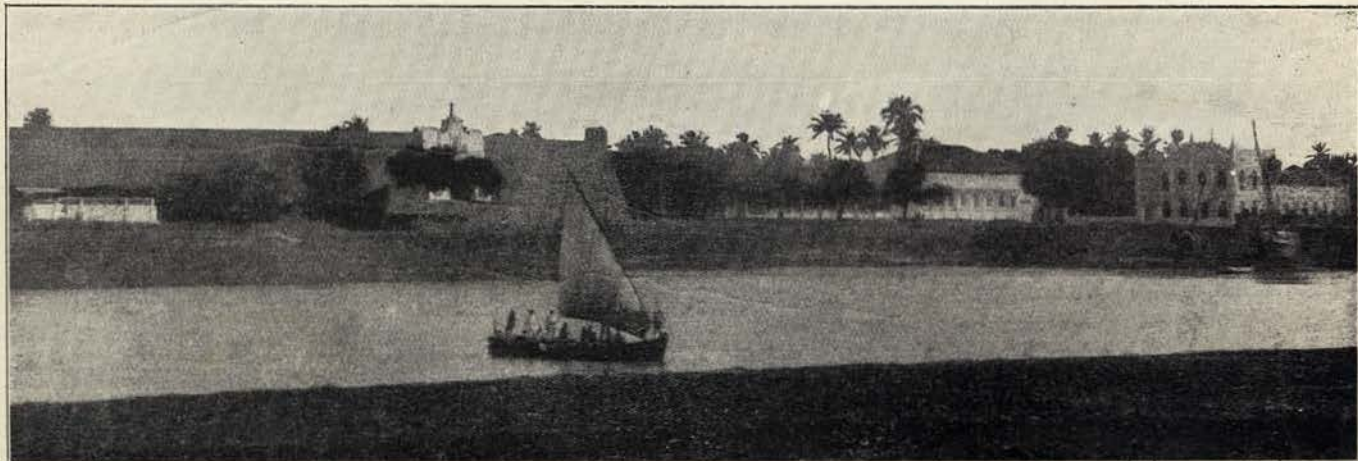
OLIVEIRA MASCARENHAS.



«Charodô» ou «kxstris» membro da segunda casta nobre da India

deter, mergulhado n'uma grande curiosidade, perante os coros dos *farjes* em louvor do sublime *Alazberan*, e em presença da voz convulsa dos *almuhadens* lembrando aos fiéis de *Mafoma*, de alto das *almudeñas*, as meditações da noite ... para se commover em face do piar dolente dos *ichatars* ... para respirar, enfim, o ar das vigorosas campinas e opulentas florestas, onde se confunde o rugir do felino com a voz plangente do miserio *varig*, e onde a fronde dos *cayuris* o *menecómbios* defende dos raios do sol dos tropicos aquella vegetação

(1) Antiga cidade do golfo de Cambaye, a não grande distancia de Damão, e antiga feitoria portugueza, extincta ha poucos annos. Actualmente está sob o dominio inglez, e pertence a presidencia de Bombaim.



Trecho d'uma parte d'um dos tres bairros da cidade de Damão denominado «Damão Pequeno» exterior da fortaleza de S. Jeronymo e a foz do rio Sandalcal



O ANNO NOVO: 1906

A QUESTÃO DE MARROCOS

(Photo. de mr. Chusseau Flaviens)

Vae fazer-se dentro em dias a conferencia d'Algeci-
ras que ha de decidir os interesses das potencias em

dade do conflicto travado ha tempo entre a França
e a Allemanha e que den agora lugar á conferen-
cia.

Diz o tenente Azan que a presença do Kaiser em
Tanger produziu uma grande impressão nos indigenas
e que os subditos francezes da fronteira bem a compro-

Toda a obra da França, diz elle, tem sido até aqui
feita no intuito de submeter a Abd-el-Aziz as tribus da
fronteira que nem sequer o conhecem, desejando crear
assim a unidade do imperio marroquino, isto com o
pensamento reservado d'exercer depois o protectora-
do.



N um angulo do mercado do Tanger os sapateiros indios

Marrocos, *As Actualidades Diplomaticas e Coloniaes*,
magnifica revista franceza, publica algumas passagens

henderam. Aconselha então a que a França ajude dis-
cretamente os pretendentes ao throno contra o sultão,



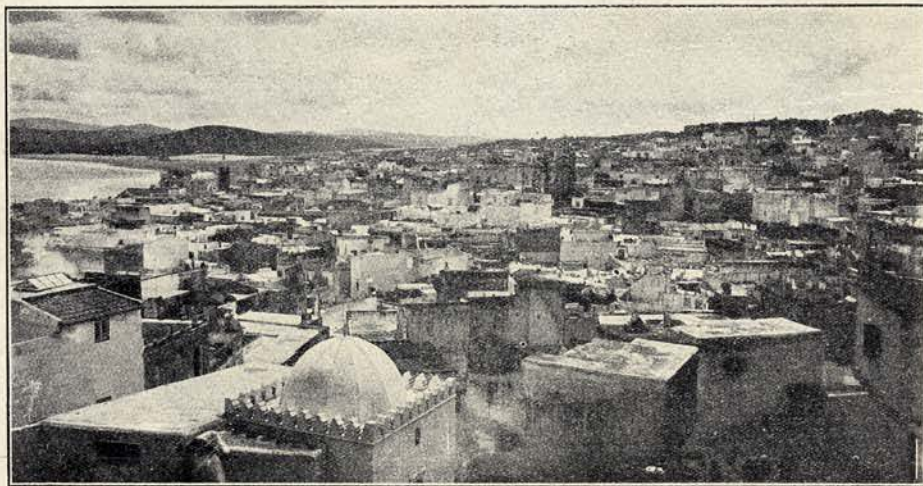
O mercado

O imperador da Allemanha, visitando o sultão sem
consultar a França, negou essa unidade do imperio e,



Uma rua de Tanger

do discurso do tenente Paulo Azan, membro do Conse-
lho dos Estudos Algerianos, e des quaes resalta a ver-



Vista geral de Tanger

contrabalançando assim a influencia do Kaiser junto do
soberano.

sobretudo, marcon que o protectorado não se faria
nunca.



Tanger embarque de bois para a Europa



Vendedores de pão



No chafariz, aguadeiros enchendo os seus barris

A França, que podia desagregar províncias a Marrocos tomando-as pouco a pouco, preferia obter todo o império e ficar sem nada diante do caminho que as coisas tomaram a não ser que se vá fazendo o desmome-

que o perderia e talvez a mesma capital, e d'este modo o soberano daria a ordem para, em seu nome, os francezes reprimirem as correrias dos rebeldes. Isto era o protectorado que a Allemanha teria que vêr.



Na escola Franco-arabe a classe do Coran

dizer anso, pois Marrocos junto com a Algeria seria a chave do commercio francez n'essas paragens, o que a Allemanha não deseja temendo futuras consequencias que podem ser funestas.



Encantador de serpentes

bramento que o Rogui pretende realizar. Tornava-se necessario que a França fizesse a ameaça ao governo



Meio de transporte em Tanger

D'esta lucta d'interesses enormes saiu a conferencia que faz reunir em Algeciras os representantes das na-



Rapazes mouros brincando

Buscando cada uma a maior parte, incitando em Algeciras como n'um campo de batalha e ao começo da des-



Os membros da legação de França e da missão franceza em Marrocos; ao centro o ministro de França mr. René Taillandier

do sultão de cortar com elle todas as relações se não concedesse as vantagens que deseja. Os terrenos no oriente do império são francezes e o sultão bem sabia

ções que parecem partilhar já o velho império de tão pittorescos costumes e onde a França faz a sua politica açambarcadora para ter um vasto territorio no Mo-



A entrada do mercado e uma porta de Tanger

trinação da autonomia do velho império dos dominadores da península a que a Europa vai assistir n'este coço d'um anno.



Vista de Tanger tomada do mar

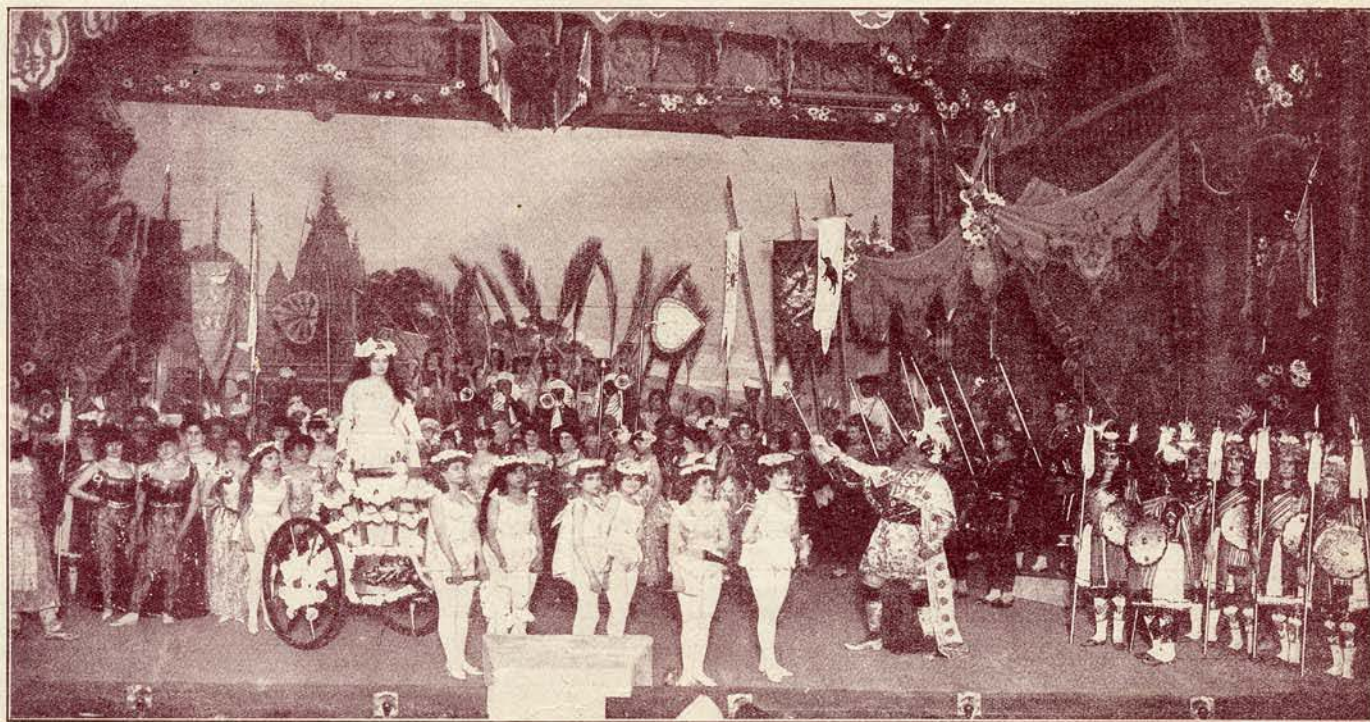


O palacio do governador e a prisão



Uma scena do 2.º acto

Azevedo Carlos Santos Sá Grijó Senna A. Antunes Alfredo de Carvalho Pinheiro Josepha d'Oliveira Etelvina Serra Palmyra Bastos
Gustavo, engenheiro Ali, gaula no Cairo, Condutor de camellos Ministro do Rojakh Condutor dos camellos Tcheladeddin O Rajah Babar Dr. Wapp Miss Singleton Maria Venus



A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA PHANTASTICA VENUS NO THEATRO D. AMELIA

Uma scena do 3.º acto

(Photo. de Fernandes)

Esta peça, que deve dar uma larga serie de representações, tem no seu entrecho, por vezes, uma graça esufiante na grande quantidade de peripecias que se desenvolvem n'uma porção de episodios comicos. E' um fio de *charge* n'um vago romance de aventuras inconcebíveis, á Verne. As personagens, da scena em scena, de acto em acto, protegidas por *Venus* que uma linda rapariga evocou no auge da paixão, passam de terra em terra, vão de trabalho em trabalho, do Cairo cheio

de mirantes para um sultanato exotico cheio do tipos patuscos, d'um inferno para um paraizo como o centro da terra onde se passam scenas que geram a espontanea gargalhada. Os interpretes deram á peça um grande relevo, destacando-se sobretudo Pinheiro, com a sua caracterisação admiravel, Alfredo de Carvalho, Azevedo, Alvaro Cabral, Grijó, que acusa sempre progressos, Alves que é sempre imprevisito e sabe incarnar as personagens com um cunho do artista, Pal-

myra Bastos, toda de gentileza e graça n'essa *Venus* que deu o titulo á peça, Josepha d'Oliveira, Etelvina Serra, etc. N'uma peça d'esto genero é necessario falar do machinista, a quem cabe uma grande parte do exito, e este foi um artista hespanhel que fez um difficillimo trabalho de montagem.

O arreglo da *Venus* foi feito pelo sr. Accacio Antunes e está á altura do original.



A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA PHANTASTICA «VENUS» NO THEATRO D. AMELIA—Scena final do 2.º acto

(Phot. de Fernandes)

Venus é uma linda peça phantastica, é um deslumbramento de trajes, de scenographia, uma obra prima de machinismo. É feérica e innocente, pertence ao genero d'aquellas de que Henry Rochefort, o grande jornalista francez, diz entreterem a imaginação como um

belle conto de Perrault e deslumbraram a vista com um lindissimo fogo de artifício. No fundo uma coisa innocua, na apparencia uma coisa maravilhosa, de encantar, sobretudo pelas multidoes de comparsaria que se movem com fatos ricos, com attributos orientaes, com

palanquias opulentos, cuja apresentação constante nas magicas mal postas em scena os torra ali mais bellos, porque o são realmente. Caracções esplendidas de mulheres á luz fascinate da electricidade, olhos que brilham, vozes bem afinadas que sobem acompanhando a li-

geira musica de Augusto Machado, scenas de grande trabalho que se transmudam n'um momento, tudo isso tem a peça que se representa no D. Amelia e que é a primeira de tanto movimento, belleza e effeito que sobe á scena nos nossos theatros.

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FÉLI-BRUGIERE E LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

O lama, pois era um d'elles, chegou á porta, e, com voz grave e tremida, interrogou. Da parte de fóra, muitas vozes responderam quasi ao mesmo tempo.

O lama deu volta á chave, e foi um instante enquanto se abriu a porta.

A tampa do cofre não pudera fechar-se de todo; pesava sobre os hombros de Bottermans. A abertura não era bastante larga para se dar por ella da egreja, ao passo que lhe permitia a elle vêr o que se passava. O lama, cuja entrada tinha obstado á investigação da egreja, era um velho.

E lamas eram tambem os que entravam. Trocavam com o velho um signal de reconhecimento, depois passavam rapidamente, e lançavam-se quasi a correr para o interior do monumento.

Bottermans contou primeiramente vinte entradas d'esse genero, depois trinta, cinquenta, oitenta. Succederam-se alguns, que vinham separados, mas houve ainda um affluxo novo sem interrupção.

Bottermans pôde avaliar em cerca de duzentos o numero de todos os lamas que entraram, quando o velho cerrou cuidadosamente a porta e se retirou a passos lentos.

Iludido pelo silencio que se fez, Bottermans cuidou que toda essa gente não fizera mais que atravessar a egreja. Levantou mais um pouco com prudencia a tampa do cofre e enxergou, no meio da nave, toda a assembleia agachada á moda oriental.

Um só lama estava de pé. Fez um signal, e todos os lamas se prostraram. Uma voz solenne psalmodiava lentamente uma invocação a Bouddha.

—E a oração da manhã, pensou Bottermans. O officio vai durar um certo tempo, depois sahirão. Contanto que elles não dêem pela falta de um collega!

Terminada a invocação de Bouddha, a multidão reunida na nave tor-

nou a sentar-se no chão, enquanto o mesmo lama, que parecia o pontifice, e estava em pé diante do altar, elevava a voz.

Não orava, discursava, e desde o principio da sua arenga em chinês, Bottermans estre-mecia, porque falava dos prisioneiros europeus de Timour, encerrados na cidadella.

— Toda a Asia, dizia elle, se orgulha vingadora para exterminar enfim as raças occidentaes malditas.

«Os exercitos do Senhor são innumeraveis, invenciveis; as suas vanguardas varreram, como o pó dos caminhos, os soldados do sultão branco.

«Por enquanto os brancos soffreram apenas o primeiro choque da invasão, e já a escuma das primeiras vagas submergiu os defensores da Asia Central.

«Estamos actualmente nas regiões outr'ora conquistadas pelos antepassados de Timour, o grande Timour Lenk. Mas o Senhor não se deterá nos limites do velho imperio mongol. Vae invadir a Turquia e a Russia. A Asia tornará a alastrar pela Europa toda, a immortel raça amarella exterminará até os ultimos fi-

lhos dos pallidos Occidentaes. D'esses vampiros nem um ha de sobreviver, já tempo demasiado temen elles vivo do sangue generoso dos Filhos do Céo e dos Filhos de Bouddha. Todos devem morrer.

—Morte aos diabos do Occidente! Morte aos brancos! responderam os lamas em voz estrondosa, como a resposta a um psalmo.

—Sim, morte aos diabos do Occidente! retorquiu o pregador. Mas, visto que os brancos devem morrer porque é que o Senhor conserva a vida aos prisioneiros que estão na cidadella? Esses europeus pertencem-nos.

—Está a contas connosco, pensou Bottermans. E uma conjuração que nos tem por alvo. E eu aqui sem me poder mexer!



MAS O LAMA ESTENDENDO AS MÃOS

—Sim, morte aos europeus! repeta o côro dos-lamas.
—A vida d'esses prisioneiros é-nos devida. Mas é de balde que a reclamamos.

—Timour guarda-os. Timour protege-os. Timour está obcecado pelas suas falas lisongeiras. Timour trahie a nossa causa, salvando-os.

—Não succumbis elle já, vencido pelos perfidos eucantos d'essa mulher, que retém hoje em Samarkande o rei dos reis, o imperador da Asia?

—Morte á europeia!

—Sim, morte á ella! Morte aos prisioneiros, porque é ella, porque são elles que sustem a colera do Senhor e a victoria da Asia.

—Timour é victima dos sortilegios d'elles; cegam Timour, e, se Timour persiste em protegê-los, era uma vez a Asia.

Proferidas que foram essas palavras, a assembléa, cujo furor crescente se manifestava por exclamações e gestos cada vez mais violentos, levantou-se em peso gritando:

—Sim, Timour está cego. Timour é a nossa perdição. Acabemos com isto. Já temos esperado de mais. Arrastemos a multidão. Corramos ao palácio. Agarremos os prisioneiros e trucidemo-los por nossas mãos.

—Esperae, replicou ainda o pregador, com voz tão estridente que dominou o tumulto. Esperae e ouvi. Sim, a nós é que compete salvar agora a Asia. Chegou o mo-

mento de intervir. Mas, para que a nossa intervenção não seja incerta e incompleta, é mister esperar ainda.

—Ser-vos ha facil alcançar os prisioneiros encerrados na cidadella. Mas não poderemos penetrar até os recessos do palácio, onde se occulta a favorita do Senhor.

—Tereis necessidade do socorro de todos os verdadeiros asiaticos, é preciso reuni-los, e isso leva algumas horas.

—Timour vai emfim esta manhã passar revista aos exercitos postados em redor de Samarkande antes d'estas partirem. Não voltará senão d'aqui a dois ou tres dias. Esperemos até esta noite para lhe dar tempo de se afastar e para nos reunirmos em grande numero. Deixemos acabar o dia; na escuridão poderemos approximar-nos da cidadella e do palácio; depois, pelo meio da noite, quando reinar o somno, surpreenderemos de subito os guardas dos prisioneiros e aquellos que Timour deixou para proteger a sua habitação.

—Quando o rumor do nosso assalto rebentar na cidade, quando Samarkande, e o exercito que reside n'ella acordarem com esse ruido, a favorita e os prisioneiros já não existirão, nós teremos passado, estaremos dispersos. Não se encontrarão senão cadáveres onde descarregamos os golpes.

—Nem gritos, nem quartel, todo o homem que cahir será morto logo, e quem vos vir morrerá. Nem sequer as crianças se poupem!

Estas palavras selvagens correspondiam bellamente aos desejos dos lamas, e por isso foram por elles acclamadas com enthusiasmo indescrivivel.

Para logo se regulou a execução da matança.

Os conjurados, formando pequenos grupos, receberam uns e outros, por sua vez, instruções precisas para alliciar e reunir numerosos fanaticos.

Pelo meio da noite, deviam todos estar juntos e escondidos nas proximidades da esplanada, e estar promptos a lançar-se, a um signal dado, ao assalto do Ark, a fortaleza-palacio de Timour. Os lamas do interior do palácio estavam falados e abriam as portas.

Pouco a pouco os lamas, depois de se terem inclinado deante do pontifice que parecia dirigir a conjuração, deixaram a egreja, quer pela pequena porta por onde tinham entrado, quer pela principal, e tambem por uma terceira sahida que Bottermans lobrigou em face d'elle, do outro lado da nave.

Haviam de ser sete horas, pouco mais ou menos, quando se retiraram os ultimos lamas; o grande velho, depois de ter cuidadosamente fechado todas as portas, desapareceu por seu turno, não sem ter percorrido a egreja em toda a volta, como se procurasse alguém. Passou por deante do cofre, onde Bottermans se escondia e mais que lhe era possivel, e não notou coisa nenhuma.

No vasto monumento reinou de novo um silencio completo.

Bottermans determinou-se em sair do esconderijo, onde, apesar da attenção que havia prestado a scena tragica, imprevista, d'essa conjuração, da qual era ao mesmo tempo testemunha e victima, tremia ao contacto d'esse morto que parecia retê-lo no seu tumulto. Tinha os membros entorpecidos e encurvados. Abafando os passos, percorreu lentamente as naveas lateraes do templo. Verificou que a egreja estava de todo vazia, e que todas as portas estavam bem fechadas.

—D'esta vez, estou prisioneiro a valer, pensou elle. Mas até quando? Como poderei eu sair d'aqui?

—Tentar forçar uma das portas causará alarme, não se pôde pensar n'isso.

De subito, notou que nas naveas lateraes havia estreitas janellas ogivais, abertas regularmente a muito grande distancia umas das outras. Pareciam bastantemente largas para caber por ellas o corpo de um homem.

Porém, essas janellas eram altas, e os muros lisos, carregados de pinturas, como todas as egrejas russas. O mancebo buscou fazer um andaime.

Encontrou algumas cadeiras de braços, com coxins de velludo, restos das pompas orthodoxas, e improvisou n'um equilibrio difficil uma pyramide oscillante; por meio da qual conseguiu elevar-se até o nivel do fecho da vidraça e abri-la.

A janella dava para a avenida, a essa hora apinhada de transeuntes. Bottermans não se demorou a contemplar o espectáculo da multidão.

N'um lance de olhos mediu a altura do salto que era preciso dar d'essa janella. O salto era possivel, mas era preciso que Bottermans estivesse doido para o tentar no meio d'essa concorrência do gentio.

—Cumpro resignar-me, disse elle, a esperar a noite. Se alguém vier, está ali o cofre.

A egreja estava em parte saqueada. Bottermans pesquizou minuciosamente em todos os cantos, nos tabernáculos, nas sacristias; nem sequer uma gota para matar a sede que o mortificava. Descobriu apenas no bolso da sua blusa uma manchoa de arroz e alguns figos. Passou um dia terrivel.

Apenas caiu a noite, Bottermans tornou a subir para o andaime, e abrindo a janella de novo, certificou-se de que a avenida estava deserta ou parecia deserta. Sem hesitar, suspendendo-se com ambas as mãos ao bordo exterior da janella, deixou-se escorregar.

X

ENCONTRO IMPREVISTO

Com a bulha da queda, dois dormentes estendidos deante de uma casa, a alguma distancia, ergueram-se, mas não tinham visto o salto do falso lama, e o seu trajó, a distancia, enganou-os.

Tornaram-se a deitar immediatamente.

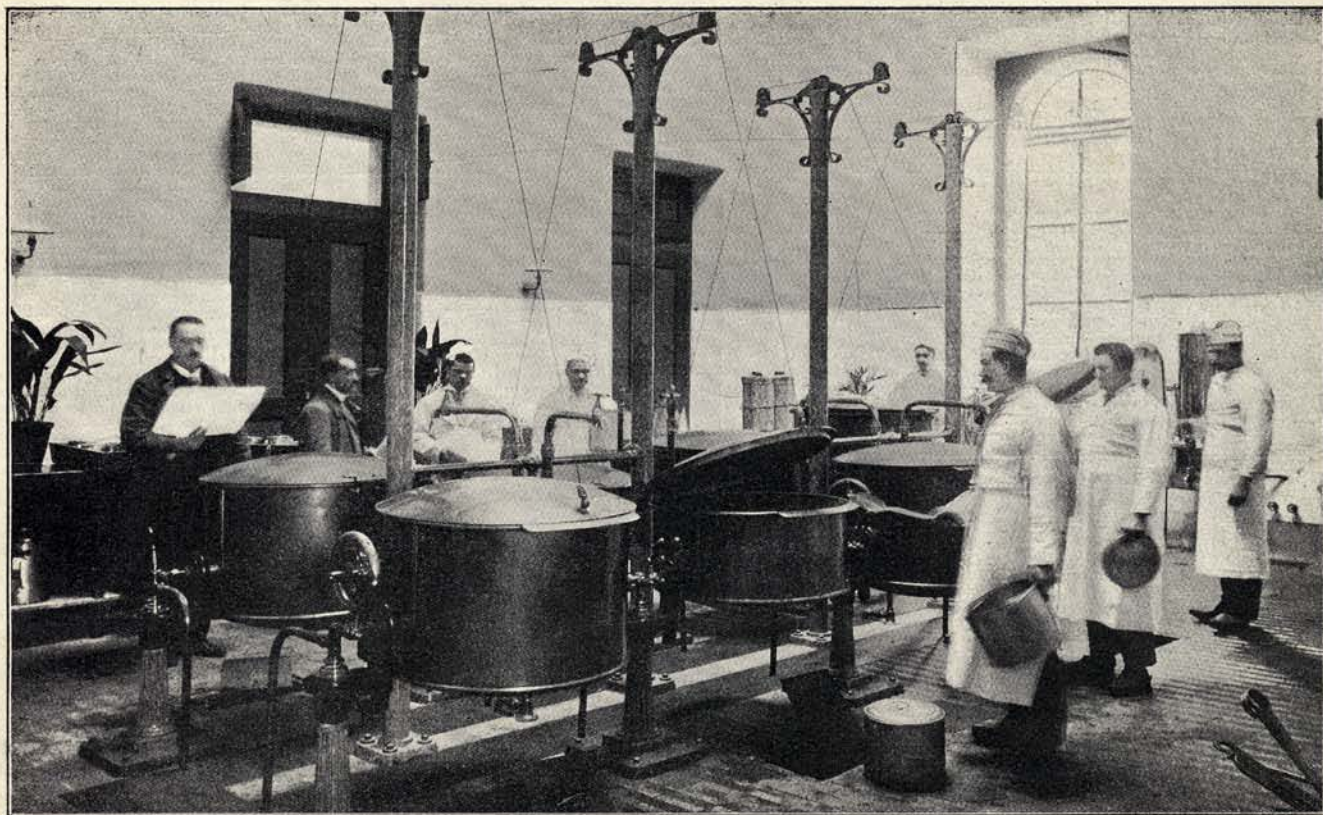
Um pouco tranquillizado, Bottermans passou por deante d'elles, e depois, saindo da avenida pela rua transversal que encontrou, afastou-se primeiro da egreja russa.

Instinctivamente fugia do monumento, onde só tinha encontrado n'aylo estrangulando um homem, e que acabava de ser, por espaço de vinte e quatro horas approximadamente, uma outra cadeia para elle.

Caminhava com difficuldade. Não tendo comido nada desde a Vespéra, e muito exgotado de forças pelos esforços e as commoções d'esse dia atroz, vacillava como um obrio.

Atormentava-o sobretudo uma sede ardente. Não cuidava, todavia, em comer ou beber, cogitava sómente em achar meio de tornar para a fortaleza, e de se juntar aos seus amigos para os avisar da conjuração que ia rebentar sobre elles dentro de poucas horas.





A nova cozinha do hospital Estephania inaugurada em 24 de dezembro

Chronica elegante

O Natal, que solemnisa o nascimento do menino Deus, é por excellencia a festa das crianças. E' tão attrahente a alegria dos pequenos, são tantos e tão variados os pretextos e formas de lh'a proporcionar, que os isolados da existencia sentem n'estes dias mais profunda e vasia a vida e lamentam não ter no seu lar o bando chilreante das crianças em festa. Estas, radiantes, voltam e saltam como passarinhos no meio dos automoveis que andam, das bonecas que falam, das animaes que miam, ladram, zurram e pulam como se fossem vivos.

Em volta da arvore do Natal brinca-se, dança-se e canta-se a *ronda* portugueza do album do *Pirrolito*. Emfim, é a festa maior do anno, em que todos se associam, grandes e pequenos, no affectuoso impulso de paz, do amor e de satisfação.

Como é natural, as festas pedem preparo, luxo e *toilettes* e as das crianças, sobretudo das meninas, na sua apparencia e logica simplicidade, não são sempre facéis de delinear e combinar.

As meninas usam de tudo: sedas, veludos, rendas, pannos figurados nos seus mioluxos, que nunca deve sobrecarregar, nem ser demasiadamente apparente.

Nas *toilettes* de noite para senhoras apresenta-se a mais caprichosa originalidade. O segredo todo para tor-



Fig. 2

nar *rénssies* as *toilettes*, porventura consideradas excéntricas, está em saber adaptá-las ao physico e até ao character de cada um. E' actualmento é tão eclectica, tão variada e diversa a feição da moda, que todos podem facilmente escolher a que lhes fica bem.

Os vestidos pretos transparentes de tulle, gaze ou rendas usam-se immenso; as *pailletes*, as rendas, os vidrilhos e as indispensaveis *ruches* e *ruchettes* são preciosos

elementos que contribuem para alindar e vaporisar tão formosas *toilettes*.

As *ruches* de tulle *illusion* são actualmente uma guaranição das mais predilectas, e figuram não só nos trajes de noite, como nos vestidos do dia de grande cerimonia e estão fazendo furor nas *toilettes* de noivado, applicadas sobre os vestidos de setim, de seda *Liberty*, de damasco e brocado branco, attenuando o brilho do tecido da maneira mais formosa e encantadora.

Fazem-se chapéus para a noite todos em *ruches* de tulle postas em espiral, muito unidas umas ás outras.

Em azul pallido, lilaz ou *bleu rose*, que é a cor da moda, são de um effeito delicioso.

Fig. 1 — Vestido de *Liberty* branco para criança, guarnecido de renda branca e veludo rose.

Fig. 2 — *Toilette* de jantar em tulle preto, *perlé* e *paillette clair de lune* sobre fundo branco. Mangas e *chemisette* em renda branca *clair*. Modelo de Doonillet.

Fig. 3 — Vestido *Empire* para passeio, em panno *bleu rose*; revers com *dépassant* em *moiré* verde, modelo da casa Paquin.



Fig. 3